

UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS

A COMIC DO TEACH PORTUGUESE LANGUAGE TO DEAF STUDENTS

Jaciara Jorge Gonçalves¹

Universidade Federal da Paraíba

<https://orcid.org/0009-0008-9457-0421>

jacygoncalves91@gmail.com

Francyllayans Karla da Silva Fernandes²

Universidade Federal da Paraíba

<https://orcid.org/0000-0002-9690-464X>

francyllayans.karla@upe.br

Edneia de Oliveira Alves³

Universidade Federal da Paraíba

<https://orcid.org/0000-0001-6645-1419>

edneiaalvesufpb@gmail.com

Walquíria Nascimento da Silva⁴

Universidade Federal da Paraíba

<https://orcid.org/0000-0002-6500-4550>

wal_ns@hotmail.com

RESUMO: O artigo propõe apresentar reflexões sobre um específico evento coletado em uma pesquisa de mestrado realizada em 2022 e 2023. O objetivo foi investigar o uso de recursos imagéticos como ferramenta para o ensino de Língua Portuguesa escrita como L2, para crianças surdas, do 4º e 5º anos do ensino fundamental I, inseridas em escolas públicas regulares de duas cidades mineiras, localizadas na Região dos Inconfidentes. Enfatiza-se que, durante todo o processo de investigação, foi utilizada a Libras como base comunicativa, o que estreitou uma relação direta da pesquisadora com os participantes. As atividades propostas foram embasadas pelo Letramento Visual (Skliar, 1998; Santacla, 2012; 2014; Lebedeff, 2019; Quadros, 1998; R. Silva, 2021, dentre outros), com o intuito de investigar se e como as imagens “astuciosas” influenciavam no processo da escrita. Ao término, pudemos constatar que essas imagens não prejudicam o processo de ensino-aprendizagem

1 Mestranda em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Tradutora e Intérprete de Libras na Prefeitura Municipal e da Câmara de vereadores na cidade de Guarabira-Paraíba, Brasil.

2 Doutoranda em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Doutoranda em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP. Mestra em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Professora assistente de Libras, Educação Inclusiva e Estágio no Departamento de Pedagogia, na Universidade de Pernambuco, Campus Garanhuns-Pernambuco, Brasil.

3 Doutora e Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Professora de Libras lotada no Departamento de Línguas de Sinais, na Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

4 Doutoranda em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Mestra em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Professora de Libras do Departamento de Letras do Campus Mamanguape na Universidade Federal da Paraíba.

da criança surda e que o texto multimodal, em sua construção na escrita como L2, é um contributo essencial a ser valorizado.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento Visual; Libras; Língua Portuguesa; L2; Surdez

ABSTRACT: The article proposes to present reflections on a specific event collected in a master's research carried out in 2022 and 2023. The aim was to investigate the use of imagery as a tool for teaching written Portuguese as an L2 to deaf children in the 4th and 5th years of elementary school, in regular public schools in two towns in Minas Gerais, located in the Inconfidentes region. Throughout the research process, Libras was used as the communicative basis, which strengthened the researcher's direct relationship with the participants. The proposed activities were based on Visual Literacy (Skliar, 1998; Santacla, 2012; 2014; Lebedeff, 2019; Quadros, 1998; R. Silva, 2021, among others), with the aim of investigating whether and how "cunning" images influenced the writing process. In the end, we were able to see that these images do not hinder the teaching-learning process of deaf children and that multimodal text, in its construction in writing as L2, is an essential contribution to be valued

KEYWORDS: Visual Literacy; Pounds; Portuguese language; L2; Deafness

INTRODUÇÃO

No decorrer do processo histórico da pessoa surda, culturalmente, distintas narrativas foram associadas à surdez para além da materialidade do corpo, a exemplo de discursos em distintas áreas – religiosa, clínica, linguística, educacional, entre outras. Porém, após décadas, nas quais as pessoas surdas eram reconhecidas como deficientes auditivas, outros estudos paralelos iniciaram um processo de desconstrução dessa visão, de cunho mais clínico, e debruçaram-se sobre um olhar voltado para a surdez enquanto diferença cultural (Skliar, 2015).

É a partir dessa desconstrução discursiva sobre a *surdez* como deficiência que propomos, no presente texto, enxergá-la como condição que impulsiona a um fenômeno cultural, no qual as pessoas surdas apresentam particularidades de compreender o mundo de forma visual. Nesse contexto, as pessoas surdas configuram uma organização humana de vida diferenciada, pois os valores culturais e identitários são os aspectos que as demarcarão, de fato, enquanto sujeitos sociais.

Em meio a essas particularidades culturais e identitárias, destacamos a questão da marca linguística-visual, a língua de sinais, específica das pessoas surdas; por meio dessa língua, determinam-se modos de pensar, de sentir e de agir (Lopes, 2011). Vale destacar a visualidade como condição essencial para o desenvolvimento das pessoas surdas, nos mais variados contextos – religioso, familiar, escolar – ou mesmo no processo de aprendizagem de outra língua de modalidade diferenciada, como a Língua Portuguesa. Sobre esta, propomos refletir um pouco mais, principalmente no que se refere às estratégias possíveis a serem adotadas para produção de conhecimento da pessoa surda.

Em vista disso, pensar sobre o ensino de línguas é problematizar a língua em uso, compreendendo quem são os sujeitos e as línguas envolvidas nessa relação. No caso do processo de ensino da Língua Portuguesa para pessoas surdas, faz-se necessário demarcar a modalidade escrita da língua, pois respeitaremos sua condição visual para aprendizagem. Para Geraldi (2004, p 29), “somos diferentemente letrados segundo os diferentes campos de atividade”, isso nos faz entender que, dependendo do campo

em que estamos inseridos, é importante considerar as diferenças culturais envolvidas no processo.

Contudo, baseando-se em pesquisa de Fernandes e Moreira (2014), implicamos que há limitações no processo de letramento de estudantes surdos, principalmente no reconhecimento da Língua Portuguesa em sua modalidade escrita, por não haver vivências com os gêneros textuais. Além disso, há uma “fluência limitada, em sua própria língua de identificação, pela falta de oportunidade de ter vivenciado experiências de interlocução significativas em Libras nos campos da política, da literatura, da arte, das ciências exatas” (Fernandes e Moreira, 2017, p. 139), ou seja, o uso da língua de sinais é minimizado no campo cultural ao longo da educação da pessoa surda.

Assim, este trabalho, fruto das ações de um projeto de extensão em Assessoria e Formação para o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua (doravante L2) para surdos da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – o qual envolve a produção de Recurso Visual Didático (RVD) e seu uso em salas de aula – propõe discutir sobre possibilidades estratégicas, considerando o letramento visual, o qual permite à pessoa surda uma melhor compreensão na produção de sentido de um discurso.

Nossa maior experiência com produção e uso do RVD tem sido com o gênero textual notícia, no intuito de estimular o aluno a buscar informações de forma autônoma, por meio da leitura em Língua Portuguesa. No entanto, a partir do ano de 2023, decidimos utilizar outros gêneros textuais no processo de ensino de Língua Portuguesa para surdos, por entendermos que esses sujeitos têm contato com os diversos tipos de gêneros textuais em suas vivências sociais.

Desse modo, iniciamos o trabalho com o gênero textual História em Quadrinhos (HQs), o qual, de acordo com Mendonça e Machado (2021), sempre foi um gênero atraente para os jovens, bem como um recurso importante para a educação. Nesse viés, por ser um gênero que possui elementos textuais e visuais, consideramos apropriado para o ensino de Língua Portuguesa para sujeitos surdos, além de contemplar as nossas duas demandas, que são: visual e linguística.

Compreendendo o sujeito surdo a partir de sua característica visual, esse gênero carregado de elementos visuais pode contribuir para o letramento visual e favorecer o potencial bilíngue dos sujeitos surdos. Nesse sentido, nosso objetivo é relatar uma das possibilidades de uso de HQs no ensino de Língua Portuguesa como L2 na modalidade escrita para alunos surdos. Escolhemos HQs por contemplar tanto a dimensão verbal quanto a visual em sua estrutura, compreendendo que essa relação favorece esse processo. Por isso, no relato, apresentamos nossos argumentos para a utilização do trabalho de leitura com HQs para alunos surdos, no ensino de Língua Portuguesa como L2. Importante informar que o material aqui apresentado é uma pequena parcela de uma produção mais extensa de RVD, no qual se usa o gênero textual HQs para o ensino de Língua Portuguesa como L2 na modalidade escrita.

A produção textual foi organizada, além dessa introdução, em mais três seções, de modo que, a seguir, na segunda seção, apresenta-se o caminho estratégico do grupo de extensão para produção de materiais; na terceira, discorre-se sobre letramento visual e sobre o gênero HQs; na quarta, apontam-se as discussões analíticas referentes ao letramento em L2 para surdos por meio de HQs. Por fim, nas considerações finais, apresentam-se reflexões acerca das estratégias adotadas para o processo de letramento da pessoa surda, bem como os desdobramentos que suscitaram para potenciais temáticas de futuras pesquisas.

I. CAMINHO ESTRATÉGICO DO GRUPO DE EXTENSÃO

Para melhor compreensão do funcionamento do projeto de extensão em Assessoria e Formação para o ensino de Língua Portuguesa como L2 para surdos, faz-se necessário apresentar a organização do nosso grupo. Somos uma equipe que atua desde 2015 em um trabalho que reúne alunos e ex-alunos do curso de Letras Libras da UFPB, professoras-colaboradoras que atuam em duas escolas públicas, estando uma localizada em um município do interior do Estado da Paraíba, e a outra, em um município do estado do Rio Grande do Norte, com o intuito de elaborar materiais pedagógicos possíveis de serem utilizados pelos professores nas aulas de Língua Portuguesa como L2 para alunos surdos.

O processo de produção do RVD é realizado pela equipe de produção de material, geralmente composto por 3 voluntárias e 1 bolsista, que se organizam para elaborar a tradução imagética da obra, retirar do texto escrito em Língua Portuguesa palavras que serão utilizadas para compreensão vocabular, os conteúdos gramaticais e a produção textual. O RVD é utilizado por duas professoras parceiras voluntárias que atuam na Sala de Recurso Multifuncional (SRM).

A nossa equipe se reúne quinzenalmente, via *Google Meet*, para debater textos, refletir sobre objetivos de ensino e de aprendizagem, elaborar a sequência didática para cada RVD que será produzido, relatar de que maneira se deu a aplicação dos RVD nas SRM, bem como para debater a produção do RVD.

Os textos propostos para leitura são lidos por toda a equipe, inclusive pelas professoras que irão aplicar o recurso em sala de aula. Após a aprovação do texto, são realizadas considerações: em relação ao texto proposto, bem como sobre os conteúdos gramaticais da Língua Portuguesa que os alunos surdos das duas realidades (Paraíba e Rio Grande do Norte) ainda não dominam. A partir da necessidade dos estudantes, esse conteúdo é extraído do texto para ser explorado no RVD.

1.1 Percorso metodológico do grupo

O presente artigo traz um relato de experiência pessoal e, segundo Prodanov e Freitas (2013), esse tipo de relato expressa as vivências e traça uma comparação entre a prática vivenciada e a teoria relacionada à tal prática. Sendo assim, para a construção desse relato de experiência, realizamos uma revisão de literatura, com base na teoria utilizada como aporte dos trabalhos realizados no processo de ensino de Língua Portuguesa para surdos. Em seguida, foi descrita a experiência acompanhada de discussão teórica, para ser possível estabelecer a relação entre a prática exercida pelo projeto e a teoria que a embasa.

2. LETRAMENTO E O GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Atualmente, compreendemos que a escrita é um bem cultural da sociedade. Em vista disso, a escola é a instituição de promoção de aquisição da escrita e da habilidade de leitura. Para Marcuschi

(1997), a escrita é um bem social imperioso para a sobrevivência e para a inserção social. Sendo assim, é um bem que não pode ser negado aos alunos surdos, com isso a educação deve imprimir esforços para capacitar essas pessoas para utilizar a escrita como instrumento de acessibilidade, pois é visível como o não saber ler e escrever exclui a pessoa surda dos espaços sociais.

Nesse contexto – considerando os trabalhos desenvolvidos com os anos finais da escolarização – cabe ao professor ensinar a ler e a escrever a partir da perspectiva do letramento, o qual, por sua vez, é: “um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, por isso é um conjunto de práticas” (Marcuschi, 2001, p. 21), que possibilita maior compreensão discursiva.

Considerando o papel social da escrita, Soares (2023) nos acrescenta que a escolha por um domínio discursivo coloca um sujeito em um determinado nível de valoração social. Tais domínios vão desde o jornalístico ao científico, por um nível de compreensão que pode ser mais superficial, ou aprofundada até por um determinado tipo de suporte, que pode ser desde uma tela até um livro. Eis aqui a responsabilidade social do professor em promover o letramento do estudante, visto que suas escolhas impactam profundamente na inserção social de seus alunos.

Sigamos para alguns aspectos imbricados no trabalho com o letramento, dentre eles: eventos de letramento, práticas de letramentos e letramento visual. Feitosa, Gomes e Santos (2023) diferenciam eventos de letramentos de práticas de letramentos. Esses autores consideram que eventos de letramentos são situações em que a escrita está presente e que nela será realizada uma observação, enquanto a prática de letramento é o processo de leitura que se constitui na relação dialógica e na interação. Por outro lado, o letramento não acontece apenas na habilidade de observação do código escrito, mas na habilidade de apreensão de sentidos de tudo que se sente e vê no contato com o mundo.

Sob essa ótica, o letramento visual é um dos letramentos que deve ser explorado pela escola para capacitar as pessoas a ler o mundo em todas as suas facetas. Portanto, Di Donato Chaves e Alves (2024, p. 4)

o letramento visual é uma teoria que contempla o trabalho pedagógico centrado na visualidade tendo em vista que os sujeitos leem imagens cotidianamente apreendendo significações e produzindo sentidos por meio delas. A imagem é um constituinte da psique humana e esse fator deve ser considerado no trabalho pedagógico.

Consideramos que o multiletramento deve ser inserido na sala de aula e que o professor parta de vários gêneros textuais no sentido de capacitar seus alunos a ler e a escrever em diversos gêneros. Isso é importante para que os estudantes estejam capacitados para enfrentar o mundo letrado que a eles se apresenta.

A partir dessa concepção e das características dos discentes, faz-se necessário trabalhar a habilidade de leitura de HQs em sala de aula. Esse gênero é o texto “de ações cotidianas e de acontecimentos sociais carregados de múltiplas informações e exigem do leitor habilidades para as questões dos gêneros multissemióticos e multimodais” (Correia, Oliveira; Teno, 2021, p. 1342).

Pessoa (2016, p. 13) considera que a HQ

é uma mídia que se constitui da convergência da linguagem verbal com a visual no balão – ícone que distribui o texto e a imagem em uma sequência e estabelece discursos que se somam. O discurso verbal acrescenta informações ao discurso visual e vice-versa, e juntos constroem uma sequência narrativa capaz de prover, ao receptor, subsídios necessários para compreensão da história que se plasma nos quadrinhos.

Para Xavier (2019), nas HQs, a verbo-visualidade é extremamente explorada, e a união entre a palavra e a imagem amplia o poder comunicativo, pois uma reforça o que a outra diz, fala o que não foi dito pela outra e até desdiz o que foi dito pela outra, produzindo, assim, diversos efeitos de sentido.

Por sua característica verbo-visual, Ramos (2010) define que as HQs são hipergêneros, que podem representar uma multiplicidade de gêneros, cada um com sua singularidade, sendo consideradas como uma forma de arte.

O gênero textual em questão alcançou visibilidade em todo o mundo, atingindo os mais diversos públicos de todas as faixas etárias de idade. Nesse gênero, a linguagem verbal e a linguagem visual caminham juntas, fortalecendo, dessa forma, a característica verbo-visual, presente nas HQs. Atualmente, com o avanço tecnológico e o acesso às mais diversas redes sociais, a sociedade tem desenvolvido a capacidade para interpretar os mais diversos textos multimodais.

Desse modo, a escolha do gênero supracitado para a construção de um material pensando no ensino de Língua Portuguesa para surdos como L2 nos proporcionou uma oportunidade para consolidarmos e desenvolvermos competências de leitura e de interpretação de textos multimodais diante da realidade atual em que está inserido esse sujeito socialmente. É no século XX que começam a surgir as primeiras manifestações das HQs, sendo elas parte de um contexto histórico e social que as cercam. Dutra (2002, p.4) diz que

as Histórias em Quadrinhos, como todas as formas de arte, fazem parte do contexto histórico e social que as cercam. Elas não surgem isoladas e isentas de influências. As ideologias e o momento político e social moldam, de maneira decisiva, até mesmo o mais descompromissado gibi.

Cabe, ainda, considerar que as HQs partiam de uma linguagem simples e objetivavam apresentar denúncias acerca das questões sociais da época. Atualmente, muito se tem falado e discutido sobre letramento visual na educação de surdos, no entanto é importante conhecer um pouco dessa comunidade que outrora era excluída socialmente e que, ao longo dos anos, tem alcançado espaços significativos em todas as esferas da sociedade. Desse modo, faz-se necessário, nesse momento, conhecer e entender um pouco dos elementos culturais que constituem os sujeitos surdos, a partir da visão socioantropológica da surdez.

Nesse sentido, compreendemos que o sujeito surdo percebe e interage com o mundo numa perspectiva diferente, ou seja, por meio da língua de sinais e das experiências visuais, as quais são elementos importantes para o desenvolvimento linguístico e social desses sujeitos. As autoras Fernandes, Alves e Stumpf (2020) compreendem a língua de sinais como o instrumento de maior transmissão cultural,

que, por ser natural, favorece o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos surdos. No que concerne à visualidade, as autoras Kawase e Santos (2023) apontam que, por ser a visualidade um elemento marcante dos sujeitos surdos, a linguagem precisa estar acessível de forma visual.

O verbo-visual aponta para um texto que apresenta características como a verbal e a visual. Em um texto verbo-visual, encontramos a presença do signo verbal e do signo visual, em que ambos se completam, sendo impossível a leitura individual deles quando estão juntos, pois essa semiose possibilita a leitura e a compreensão de forma significativa e de sentido. Sobre a verbo-visualidade, Brait (2013, p. 44) diz

[...] que tanto a linguagem verbal como a visual desempenham papel constitutivo na produção de sentidos, de efeitos de sentido, não podendo ser separadas, sob pena de amputarmos uma parte do plano de expressão e, conseqüentemente, a compreensão das formas de produção de sentido desse enunciado, uma vez que ele se dá a ver/ler, simultaneamente.

A partir dessa perspectiva, entende-se que a construção verbal e a visual são inseparáveis, já que, é a partir da constituição, união e associação de ambas que surgem os efeitos de sentido, como destaca a autora. Compreendemos o trabalho com verbo-visualidade no ensino de língua ao sujeito surdo como um fator potencializador, o qual é coerente com a cultura surda, pois, o recurso visual utilizado é de suma importância para esse público, que tem predominantemente em sua essência a forma visual de perceber o mundo.

Outrossim, a verbo-visualidade se destaca por ser uma categoria utilizada por Bakhtin na análise dos sentidos, portanto, esse fenômeno busca, segundo Brait (2013, p. 50)

[...] explicar o verbal e visual casados, articulados num único enunciado, o que pode acontecer na arte ou fora dela, e que tem gradações pendendo mais para o verbal ou mais para o visual, mas organizados num único plano de expressão, numa combinatória de materialidades, numa expressão material estruturada.

Para a construção do RVD – material utilizado no de ensino de Língua Portuguesa como L2 para o sujeito surdo – escolhemos o gênero HQ e adotamos a dimensão da verbo-visualidade, por entendermos que esse gênero apresenta elementos verbais e visuais, características concernentes da verbo-visualidade. O uso da informação visual e das estratégias visuais torna-se benéfico no processo de aquisição de língua do surdo.

A seguir, apresentamos uma figura parte da HQ que utilizamos para montar o RVD, em que é possível perceber a presença da verbo-visualidade por meio do gênero HQ.

Figura 1 – Linguagem Verbal e Linguagem Visual



Fonte: D'Angelo (2022).

A figura acima é um excerto retirado de uma produção de “História em Quadrinhos de Helô D’Angelo para o jornal Vozes Diversas, publicação do Comitê de Inclusão e Diversidade da Visa organizada em parceria com a Mina de HQ”, tendo como “Categories: Parcerias, Quadrinhos exclusivos Por Mina de HQ24 de fevereiro de 2022”. Por intermédio da HQ intitulada *Conquista do voto feminino*, D’Angelo apresenta um importante marco histórico conquistado graças a muito esforço e às lutas das mulheres, destacando nomes como Nísia Floresta, Josefina Álvares de Azevedo e Bertha Lutz, dentre tantas outras que também fizeram parte dos movimentos de conquista.

Esse excerto da HQ nos possibilita perceber a riqueza da verbo-visualidade, a linguagem verbal e a visual, as quais em conexão produzem significado e sentido. Desse modo, é perceptível que o gênero HQ – utilizado por meio do RVD no ensino de Língua Portuguesa como L2 do sujeito surdo em sua modalidade escrita – favorece de forma significativa a aprendizagem da língua, além de considerar suas experiências visuais.

Para o desenvolvimento da prática de leitura em sala de aula, utilizamos fundamentalmente os escritos de pesquisas desenvolvidas por Geraldi (2004), por acreditarmos que as discussões estabelecidas em seus textos possibilitam ao professor um direcionamento, no que se refere às posturas adotadas no ato da leitura. Tais posturas são: leitura na busca de informação, estudo do texto, pretexto e fruição.

Geraldi (2004) descreve da seguinte maneira: na leitura na busca de informações, basicamente, é procurado o tipo de tema, quem, quando, onde, fato e personagens envolvidos; a segunda – estudo do texto – segue a ideia de obter informações sobre argumentos utilizados, posicionamento político e ideológico do escritor e do leitor acerca do tema/fato, coerências, ou incongruências das informações contidas no texto, correlação entre informação contida no texto e as vivências, ou em outros textos, e os valores impressos nas informações; a terceira (pretexto) busca ver no texto como os elementos linguísticos são organizados para transmitir determinadas informações e para estudo da estrutura do texto ou gramatical.

Por fim, a última (fruição) é utilizada para desenvolver o gosto pela leitura, a afetividade com as informações do texto e estabelecer uma relação da gratuidade com a leitura: lê para manter-se informado ou para fantasiar. Nesse trabalho, voltaremos nosso olhar à leitura na busca de informação e

estudo do texto. Sob essa ótica, acreditamos que, trilhando por esse caminho, oferecemos ao aluno a possibilidade de adentrar no texto, conseguindo perpassar desde a leitura superficial até a leitura que lhe possibilita inferências e comparações com a vivência que possui. Assim, o aluno tornar-se-á um leitor responsivo.

3. LETRAMENTO EM L₂ PARA SURDOS POR MEIO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS-HQS

A língua e a visualidade são elementos que atravessam os sujeitos surdos. Partindo dessa perspectiva, é possível inferir que é na comunidade surda e em contato com seus pares linguísticos que os surdos se desenvolvem e se constituem sujeitos possuidores de elementos culturais semelhantes. Sendo assim, a experiência visual desses sujeitos é relatada por Perlin e Miranda (2003, p. 218) como:

[...] a utilização da visão, (em substituição total a audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico.

Diante disso, ao escolhermos o gênero textual HQ no ensino de Língua Portuguesa como L₂ para o sujeito surdo, na modalidade escrita, consideramos as experiências visuais desses indivíduos, pois as narrativas em quadrinhos, segundo Perotoni (2021), constituem-se pela relação entre o verbal e o visual, sem que seja possível considerar um sem observar o outro.

Assim, pensando no letramento da pessoa surda, resgatamos o pensamento das autoras Taveira e Rosado (2017, p. 24), que nos afirmam: “O letramento da pessoa surda, ou o que significa ser letrado para um surdo, está em jogo diante do discurso e da prática de didáticas visuais diferenciadas. Isto demanda o entendimento de letramento visual no contexto da surdez”. Foi nessa perspectiva, com a consciência voltada para as estratégias pedagógicas visuais, que pensamos e construímos o recurso visual com foco no gênero HQs. Pois, esse gênero apresenta a predominância da marca visual, o que, desse modo, fez-nos atentar para a linguagem verbal e para a linguagem visual existente, constituindo-se como um texto verbo-visual, apoiando-nos na concepção de Brait (2013) sobre a verbo-visualidade.

Para uso da HQ, escolhemos a da autora Helô D’Angelo, publicada no jornal *Vozes Diversas*, publicação do Comitê de Inclusão e Diversidade da Vida, organizada em parceria com a Mina de HQ, a qual tem como título: *A conquista do voto feminino*.

Figura 2 – Imagem inicial da obra



Fonte: D'Angelo (2022).

A escolha dessa HQ pauta-se na opção por trabalhar o letramento crítico e na concepção de que o letramento é uma atividade social. Sendo assim, a temática da HQ foi um critério de inclusão. Nesse cenário, o tema foi escolhido para que os alunos, no ato de leitura, pudessem refletir sobre o papel da mulher na sociedade. Trilhamos por esse caminho, pois concordamos com Correia e Angelo (2021, p. 12), os quais afirmam:

O contexto sócio-histórico e cultural em que um enunciado é proferido sempre reflete e refrata ideologias e que nenhum enunciado ocorre de maneira inocente; sempre há uma intenção e uma valoração atreladas ao que foi dito, exigindo dos interlocutores um olhar crítico para compreender o contexto, as valorações e as intenções por trás dos enunciados.

Nessa perspectiva, compreendemos que um enunciado acontece no interactante e que na interação texto versus leitor, tanto para quem escreve quanto para quem lê, é necessário um ato responsivo. No contexto escolar, tal ato implica diretamente em tomadas de decisões que, conseqüentemente, estabelecem-se na relação entre docentes e discentes.

Para tanto, a HQ é apresentada aos alunos, sendo realizada a leitura individual e, depois, coletiva, acrescida do debate para interpretação textual. Para o trabalho de compreensão de discurso textual, apresentado neste artigo, apoiamos-nos em três das quatro posturas, dispostas por Geraldi (2004): busca de informação, estudo do texto e fruição do texto. Iniciamos pela *leitura fruição*, buscando identificar junto ao aluno informações do tipo: a opinião dele sobre o texto, os sentimentos despertados a partir da leitura, e o que ele mais gostou. Com essa discussão, espera-se que o estudante possa discorrer sobre suas impressões que possam estar atreladas ao texto ou a algum tipo de vivência. Com isso, mostramos-lhe a importância da leitura e desenvolvemos o gosto por ela, de modo que as discussões em sala de aula possam prover. Conforme Soares (2023, p. 22),

o prazer e o desgosto, a fruição e a indiferença, o discernimento e o devaneio, replicando, aliás, a aventura humana dentro e fora da ficção. A complexidade da leitura literária, materializada por uma acumulação dialógica de múltiplas dimensões, exige que se articule dialeticamente o movimento de implicação subjetiva ao de responsividade racionalizante por parte dos leitores em formação na escola básica

Seguindo no sentido de capacitar o estudante no aprofundamento da leitura, o material prevê o trabalho com a habilidade de leitura na *busca de informação*. O texto apresenta questões que o professor pode utilizar como base para verificar a compreensão dos alunos acerca da HQ, dentre elas: a temática, o fato principal, os marcos históricos, o protagonismo, os personagens e suas características, bem como todo o contexto histórico que a obra retrata. As questões que propusemos que os professores trabalhassem foram:

- Qual é a temática do texto?
- Qual é o fato principal?
- Onde ocorreu o fato?
- Quantos personagens há na história?
- Quais foram as principais mulheres que começaram a discutir a importância do voto feminino?
- Quantos protagonistas há?
- Quem são as protagonistas envolvidas?
- Em que ano o voto feminino foi conquistado?
- Quem foi a primeira mulher negra a ser eleita?
- O que determinava a constituição de 1934 com relação ao eleitor?

Trabalhar a habilidade de busca de informação é extremamente importante, uma vez que é necessário preparar o aluno para reconhecer informações específicas em uma leitura e para a realização de pesquisas. Conforme Vieira (2009), apenas 8% dos 180 participantes de sua pesquisa obtiveram orientação específica sobre formas de busca de informação na *Web*, dado que indica falha no sistema educacional.

A habilidade de leitura proposta por Geraldi (2004) *estudo do texto*, relacionando o texto com as questões atuais e com os conhecimentos dos alunos, contribui para despertá-los para debates sobre assuntos sociais que impactam seus comportamentos e crenças na sua atuação no mundo. Entende-se, assim, que esse momento é fundamental não só para a compreensão profunda do texto. Desse modo, para essa ocasião, utilizamos as seguintes questões:

- Como ocorreu a organização do voto feminino no início?
- Quais foram as consequências do voto na vida das eleitoras?
- Quais os pontos positivos que o voto feminino trouxe?
- Como a luta pelo voto feminino influenciou nas eleições de hoje?
- Que tipo de efeito o voto feminino provocou nas mulheres?
- É possível pensar em um mundo sem o voto feminino hoje?

Para o letramento crítico, a habilidade de inferir é extremamente necessária, a qual ocorre, segundo Pérez e Pari (2021), quando há habilidade do leitor em relacionar a informação do texto com seu

conhecimento de mundo. Os autores chamam a atenção para a necessidade de o professor assegurar uma geração de inferências causais adequadas para ajudar o estudante que tem dificuldade de compreensão. Dessa forma, nossa experiência tem mostrado que o professor deve ter um roteiro de perguntas para seguir na discussão sobre o texto. Porém, chamamos a atenção para o fato de que o roteiro não precisa ser algo rígido, nem tampouco ser seguido para cumprir a obrigação. O roteiro é, nesse contexto, um guia para o docente não esquecer de realizar perguntas importantes, porém, ele pode deixar de fazer as perguntas e seguir a linha de raciocínio dos estudantes.

Esse tipo de trabalho é exaustivo, por isso, não deve sofrer a pressão do tempo e nem pode perder a conexão com os alunos, porque as opiniões deles importam muito. É um processo dialógico de construção de conhecimento, a partir do conhecimento do aluno apoiado pelo conhecimento do professor. Sendo assim, caso o docente ache necessário, pode propor para os alunos a busca de outros textos que apoiem a discussão gerada em sala de aula ou levar para os educandos outros textos em suportes, por exemplo: filme, pintura, entre outros exemplos, para dar continuidade ao aprofundamento da discussão.

À vista disso, você pode estar se perguntando agora: consigo isso tudo com o aluno surdo? A nossa experiência tem mostrado que sim, sobretudo com os estudantes fluentes em Libras e os que circulam em diversos espaços sociais. De toda forma, é responsabilidade do professor de Língua Portuguesa para surdo promover esses espaços, para ele perceber que a leitura lhe promove crescimento cognitivo, ampliação de visão de mundo e, conforme Soares (2023), coloca-o em patamares diferentes na vida econômica.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mediação da leitura é extremamente importante na formação do leitor. Por isso, o professor deve estar preparado para trabalhar a leitura em todos os níveis, iniciando do nível mais elementar ao mais profundo. O estudo do texto a ser trabalhado em sala de aula pelo professor é fundamental, para que ele consiga dialogar com sua turma sobre as informações contidas em um texto.

O docente deve explorar o texto até o nível que a turma alcançar e não deve preocupar-se com o tempo que vai despender para explorar um texto. Esse é um aspecto muito relevante no trabalho com o ensino de leitura do texto em Língua Portuguesa com o surdo, pois, o momento de leitura é o mais demorado, porque é atravessado pelo baixo repertório vocabular que o aluno tem. Porém, com apoio das imagens, é possível trabalhar a leitura “estudo do texto” com qualquer aluno surdo.

No momento da exploração do discurso, o professor não pode se esquecer de trabalhar a visualidade do texto. A visualidade será não só apoio, mas fonte de informações sobre o tema trabalhado. É possível o uso de estratégias visuais que favoreçam e estimulem o sujeito surdo à prática de leitura. Portanto, o professor deve privilegiar textos verbo-visuais para o trabalho com a leitura de Língua Portuguesa com alunos surdos.

Outro atravessamento é a fluência em língua de sinais, o professor (ou aluno) com baixa fluência

em língua de sinais não consegue aprofundar o nível de leitura. Nesse contexto, é preciso compreender as especificidades de cada caso. Contudo, o primordial é não perder de vista o objetivo final de desenvolver o leitor fluente e em nível profundo de leitura. Mesmo que os estudantes e/ou professor iniciem com muita dificuldade, esse nível tende a melhorar ao longo dos meses do ano.

O nosso trabalho tem como teoria base a verbo-visualidade de Brait (2013), sendo assim, todos os textos trabalhados são verbo-visuais e toda a leitura é apoiada nas imagens. Como consequência, percebemos que estamos desenvolvendo o letramento verbo-visual, tendo em vista que partimos da leitura do signo imagético correlacionando-o à leitura do código escrito, entendendo que o verbal e o visual formam um todo significativo.

Considerando que a taxa de alfabetismo pleno ainda é muito baixa no país: 12% em 2018 (Inaf), ainda há muito o que se discutir sobre qualidade de ensino no Brasil, pois, a população terá menos poder de mobilidade de classe social e de melhora de qualidade de vida quanto menor for seu acesso crítico sobre a realidade que a cerca. Para tanto, é necessário maior esforço do sistema educacional para o alcance de índices mais elevados de alfabetismo funcional, e o compromisso do professor é um deles.

Nesse artigo, apontamos caminhos viáveis de desenvolvimento desse trabalho em sala de aula. Ainda precisamos discutir a sala de aula, o planejamento das aulas, a capacitação aprofundada do professor de Língua Portuguesa, sobre a fluência em língua de sinais de surdos, seus familiares e dos profissionais que os atendem, bem como sobre os materiais didáticos adaptados ao ensino do surdo.

REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. Bakhtiniana. *Revista de Estudos do Discurso*, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 43–66, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568>. Acesso em: 04 jul. 2024.

CORREIA, Léia Bernal Sanches; OLIVEIRA, Ana Paula Faustino de; TENO, Neide Araújo Castilho. HQS: construindo sentidos na multimodalidade, “Batman: a piada mortal”. *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. Revista Philologus*, Rio de Janeiro, n. 81 Supl, ano 27: CiFE-FiL, set./dez. 2021. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/968>. Acesso em: 09 de jul. 2024.

CORREIA, Leticia Maria; ANGELO, Cristiane Malinoski Pianaro. O conceito de compreensão responsiva no Círculo de Bakhtin: uma análise a partir da campanha publicitária do ENEM 2020. *The ESpecialist*. [S.l.] v. 42, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/esp/article/view/50731/38864>. Acesso em: 09 jun. 2024.

D’ANGELO, Helô. *Conquista do voto feminino*. Mina de HQ, 2022. Disponível em: <https://minadehq.com.br/conquista-do-voto-feminino-em-quadrinhos/>. Acesso em: 04 jun. 2024.

DI DONATO CHAVES, Adriana; ALVES, Ednéia de Oliveira. Práticas pré-leitoras e o letramento visual com crianças surdas: trabalhando com as instituições museológicas. *Revista Brasileira de Alfabetização*, [S.l.], n. 22, 2024. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/932>. Acesso em: 8 jul. 2024.

DUTRA, Joatan Preis. *História e Histórias em Quadrinhos: a utilização das HQs como fonte histórica político-social*. Ilha de Santa Catarina, 2002.

FEITOSA, Aleph Danilo da Silva, GOMES, Yana Lins Soares; SANTOS, Adriana Cavalcanti dos. Práticas de letramento, alfabetização e o ensino de Língua Portuguesa. *Revista Poesis*, [S.l.] v. 17, n. 32, p. 301-317, 2023. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poesis/article/view/20109>. Acesso em: 07 jul. 2024.

FERNANDES, Francyllayans Karla da Silva; ALVES, Edneia Oliveira; STUMPF, Marianne Rossi. A escrita de sinais como instrumento de desenvolvimento linguístico e identitário para o surdo. *Revista Pontos de Interrogação*, [S.l.] v. 10, n. 1, jan./jun., p. 175-192, 2020. Disponível em: <http://revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/issue/view/496/showToc>. Acesso em: 07 jul. 2024.

FERNANDES, Sueli.; MOREIRA, Laura Ceretta. Políticas de educação bilíngue para surdos: o contexto brasileiro. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 2, p. 51-69, 2014.

FERNANDES, Sueli.; MOREIRA, Laura Ceretta. Políticas de educação bilíngue para estudantes surdos: contribuições ao letramento acadêmico no ensino superior. *Educar em Revista*, Curitiba, n. especial 3, p. 127-150, dez. 2017.

GERALDI, João Wanderley. Prática de leitura na escola. In: GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2004. p. 88-102.

INAF. Alfabetismo no Brasil. *Indicador de alfabetismo funcional: principais resultados*. Instituto Paulo Montenegro, 2018. Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br/alfabetismo-no-brasil/>. Acesso em: 08 jul. 2024.

KAWASE, Eduarda Megumi; SANTOS, Lara Ferreira dos. Produção de vídeos e a formação de conceitos na educação de surdos. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos; ROCHA, Luiz Renato Martins da (orgs). *Educação bilíngue de surdos e a Educação Especial: avaliação e prática*. São Carlos: Editora de Castro, 2023. p. 97-117.

LOPES, Maura C. *Surdez & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e escrita. *Signótica*, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 119-145, 1997. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6323097>. Acesso em: 08 jul. 2024.

MENDONÇA, Carmen Lúcia Freitas de; MACHADO, José Henrique Rodrigues. Sujeitos surdos: entre-línguas uma forma de ensino utilizando HQ'S. *Brazilian Journal of Development*, [S. l.], v. 7, n. 6, p. 63745-63759, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/32002>. Acesso em: 05 jul. 2024.

PÉREZ, Adolfo Zárate; PARI, Carlos Rubens López. Dificultade en las generación de inferencias causales en la lectura de textos narrativos en estudiantes de 4º grado de educación primaria. *Folios*, Bogotá, v.54, p. 31-50, Jul/dec, 2021. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-48702021000200031&lang=pt. Acesso em: 08 jul. 2024.

PERLIN, Gladis; MIRANDA, Wilson. Surdos: o narrar e a política. Florianópolis: *Ponto de Vista*, nº 5, p. 217-226, 2003.

PEROTONI, Fabiana. *A constituição do sentido do discurso em histórias em quadrinhos a partir da*

teoria da polifonia. 2021, 67f. Dissertação de Mestrado em Letras e Cultura – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2021.

PESSOA, Alberto Ricardo. *A linguagem das histórias em quadrinhos: definições, elementos e gêneros*. João Pessoa: Editora UFPB, 2016. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/download/72/40/453-1?inline=1>. Acesso em: 17 mar. 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/>. Acesso em: 06 mar. 2019.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2010.

SKLIAR, Carlos. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015. p. 07-32.

SOARES, Ivanete Bernardino. O controle da fruição literária na escola. *Revista Brasileira de Educação*, [S.l.] v. 28, p. 1-25, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/kmXjXDvKJqvbc-8tkw6vt9NR/?lang=pt>. Acesso em: 08 jul. 2024.

TAVEIRA, Cristina Correia; ROSADO, Luiz Alexandre da Silva. O letramento visual como chave de leitura das práticas pedagógicas e da produção de artefatos no campo da surdez. In: LEBEDEFF, Tatiana Bolivar (org.). *Letramento visual e surdez*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017. p. 17-47

VIEIRA, Lúta Lerche. A busca de informação na Web: dos problemas do leitor às práticas do ensino. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 9, n. 3, p. 489-517, set. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/J9GzkKnv5xkq85tJgVLMp8s/?lang=pt#>. Acesso em: 08 jul. 2024.

XAVIER, Gláyci Kelli Reis da Silva. Histórias em quadrinhos: panorama histórico, características e verbo-visualidade. *Darandina Revisteletrônica*, Juiz de Fora, v. 10, n. 2, p. 1-20, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/darandina/article/view/28128>. Acesso em: 06 jul. 2024.

Submetido em: 12/07/2024

Accite em: 29/10/2024